

USO DA QUADRINIZAÇÃO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA DENTRO DAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

THE USE OF QUADRINIZATION AS A DIDACTIC TEACHING TOOL IN THE MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOMS

EL USO DE LAS HISTORIETAS COMO HERRAMIENTA DIDÁCTICA EN LAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONALES

Uéverson Mendes Oliveira¹

Resumo

O presente artigo analisou, baseado na literatura existente, como a quadrinização pode contribuir para o ensino em um contexto inclusivo. Analisou-se os materiais que versam sobre a educação especial e uso das HQs dentro das Salas de Recursos Multifuncionais — ambientes feitos para recepção de alunos com alguma necessidade especial. Este estudo faz, também, um levantamento sobre os documentos nacionais relacionados à educação especial e o uso da quadrinização no ambiente escolar. Concluiu-se que as HQs são ferramentas pedagógicas eficazes na conjuntura da educação inclusiva; contudo, é necessária uma maior disseminação dessa abordagem.

Palavras-chaves: Histórias em quadrinhos. Sala de recursos multifuncionais. Educação inclusiva.

Abstract

This work aimed to analyze, based on the available works, the way that quadrinization can contribute to teaching in accessibility education contexts. The materials that speak about special education and the use of comics in the Multifunctional Resource Rooms, an environment that accepts students who have some special needs related to teaching and learning. This article also shows some commentaries related to what the laws speak about accessibility and quadrinization in the school environment. The effectiveness of comics in the school environment and the needs for further dissemination of this approach was concluded.

Keywords: Comics. Multifunctional Resource Room. Accessibility.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar, en la literatura especializada, cómo las historietas pueden contribuir para la enseñanza en contextos de educación inclusiva. Se analizaron textos relacionados con la educación especial y el uso de los comics dentro de las salas de recursos multifuncionales — entorno dirigido a la recepción de estudiantes con alguna necesidad especial. Este artículo también contiene un breve comentario sobre lo que discuten los documentos nacionales acerca de la educación especial y sobre las historietas en el entorno escolar. Se constató que los comics son una herramienta eficaz en la educación inclusiva; sin embargo, se hace necesario difundir de manera más amplia este enfoque.

Palabras-clave: Historietas. Sala de recursos multifuncionales. Educación inclusiva.

1 Introdução

¹ Graduado em Letras com Habilitação para o Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa pela União Metropolitana de Educação e Cultura - UNIME. Pós-graduado em Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Salvador – UNIFACS, na área de Tecnologia Aplicada a Educação. Pós-graduando em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Didática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Professor de Língua Inglesa na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: ueverson_oliveira@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6332916667554122>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6549-2603>.

Discutir a cultura da quadrinização é uma tarefa desafiadora. Agregar essa temática às Salas de Recursos Multifuncionais, então, é um trabalho que exige dedicação ao ato de ensinar e respeito ao ato de aprender.

A produção de conteúdos voltados para educação especial tem crescido no universo acadêmico, mesmo com lacunas existentes; contudo, a produção de materiais que trabalhem com a cultura das HQs é ainda mais limitada.

As Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs), dispositivo do Ministério da Educação do Brasil (MEC, 2010), ofertam atendimento educacional especializado, de forma complementar ou suplementar, à escolarização de estudantes com alguma deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação — matriculados em classes comuns do ensino regular de escolas públicas de educação básica.

A implantação das Salas de Recursos Multifuncionais nas escolas comuns da rede pública de ensino atende a necessidade histórica da educação brasileira, de promover as condições de acesso, participação e aprendizagem dos alunos público alvo da educação especial no ensino regular, possibilitando a oferta do atendimento educacional especializado, de forma não substitutiva à escolarização. (MEC, 2010).

É notório que ainda há um longo caminho a percorrer para que exista um número expressivo de SRMs. Dados do INEP/MEC apontam que, entres os anos e 2005 e 2011, foram financiadas e implementadas 37.801 (trinta e sete mil oitocentos e uma) Salas de Recurso Multifuncionais. Os dados são expostos demonstram que um trabalho significativo foi realizado até o momento; todavia, a abrangência não contempla regiões menos privilegiadas como as cidades de interior, por exemplo.

Logo, esse trabalho se justifica para fortificar o ensino e a aprendizagem dentro das Salas de Recursos Multifuncionais e, também, para que alunos possuidores de necessidades especiais tenham oportunidade de experimentar outras formas de ensinar, aprender, relacionar, compreender, viver etc. A Resolução n.2/2001 Art. 2º define:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para a educação de qualidade para todos.

Entende-se que o sistema cumpre o papel de matricular todo e qualquer aluno que possui necessidades especiais, porém, cabe às escolas garantir a condução correta desse processo — o

que inclui formação profissional, adaptação² do currículo e suportes necessários para que a inclusão aconteça de fato.

Percebe-se, a partir das exposições, que o uso dos quadrinhos no ambiente escolar auxilia no desenvolvimento educacional e cognitivo do aluno e facilita o processo de inclusão, devido à popularidade do gênero nos níveis etários da educação básica. Conforme Corrêa, Vaz e Castela (2010), no II Simpósio Nacional de Educação, “as histórias em quadrinhos tornam-se instrumento de educação, formação moral, propagando os bons sentimentos e exaltando as virtudes sociais e individuais”, o que permite reafirmar a capacidade pedagógica e didática do gênero textual.

Autores vêm se dedicando a esse estudo e tentando apresentar a importância dos quadrinhos para educação mundial. Roberto Elísio dos Santos, Sonia Maria Bibe Luyten e Waldomiro Vergueiro (2012) são pensadores com grande notoriedade no estudo que a pesquisa propõe; assim, esses autores farão parte da referência principal desse trabalho. Outros pesquisadores também estarão presentes referência bibliográfica nesse trabalho, uma vez que, é parte fundamental da pesquisa os assuntos que tangem a educação básica brasileira, em destaque, a educação especial, que será fundamentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Ministério da Educação.

A pesquisa, por tanto, não pretende sanar os problemas que os profissionais enfrentam dentro das Salas de Recursos Multifuncionais, mas compreende que é necessário promover o conhecimento de formas diferentes, e assim, verificar as contribuições das HQs para a educação inclusiva — através de pesquisas, materiais, propostas e apresentando resultados satisfatórios.

2 Fundamentação teórica

De acordo com Mancuso (2010), o principal ingrediente da quadrinização é a capacidade de envolver as pessoas nas histórias, através das suas emoções e sentimentos, e assim, encantando os leitores. Contudo, de acordo com Silva (2011), pesquisas recentes indicam uma baixa utilização dos desenhos animados em sala de aula.

O quadro merece atenção, pois, é de interesse acadêmico os benefícios que as animações podem trazer ao contexto escolar. Entretanto, ainda há uma certa marginalização desse tipo de material; muitos consideram que o uso de quadrinhos é um atraso no conteúdo, ou uma forma

² De acordo com o MEC as adaptações curriculares são: respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos e dentre estes, os que apresentam necessidades educacionais especiais: a) de acesso ao currículo; b) de participação integral, efetiva e bem sucedida em uma programação escolar tão comum quanto possível (BRASIL, 2000, p. 7).

de passar tempo e, de fato, é o que acontece se não houver uma estruturação e planejamento do conteúdo para ser posto em prática.

Segundo Chervel (1990), um dos principais problemas na educação é o desencontro entre a rigidez das disciplinas escolares e a evolução de outros conhecimentos adquiridos pelos alunos fora do contexto escolar — como exemplo na mídia. Assim sendo, não podemos recorrer a nenhuma forma de ensino de forma exclusiva em detrimento das outras.

O uso dos quadrinhos nas escolas, que pode ser uma ferramenta para solucionar o problema proposto pelo autor, é marcado pela forte marginalização, tanto pelos representantes dos alunos quanto pelos docentes. Foram anos de pesquisas para apresentar resultados satisfatórios e que mostrassem a força dessa ferramenta didática, como discorre Sonia Luyten (1985) sobre as características que fazem das histórias em quadrinhos uma “arma” dentro do ambiente escolar.

Ao contrário do que muitos pedagogos apregoam, os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança quando bem utilizados. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. É uma forma de arte adequada à nossa era: fluida, embora intensa e transitória, a fim de dar espaço permanente às formas de renovação. (LUYTEN, 1985, p. 8)

No panorama atual, os quadrinhos já são considerados ferramentas pedagógicas, pois atendem aos critérios requisitados nos Parâmetros Curriculares Nacionais e, também, na Lei de Diretrizes e Bases para o ensino da educação básica no Brasil. Vergueiro (2010, p. 21-25) afirma que:

i.) Os estudantes querem ler os quadrinhos; ii.) Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; iii.) Existe um alto nível de informação nos quadrinhos; iv.) As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; v.) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; vi.) Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; vii.) O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar; viii.) Os quadrinhos têm um caráter globalizador; ix.) Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

Para Bouissou (2006), uma das chaves do sucesso da quadrinização está em oferecer ao leitor maiores condições de identificação com os personagens. Essa característica traz uma maior aproximação do “leitor x obra”. Segundo Luyten (2012, p. 175),

O consumo de mangá, no Japão, tem uma de suas bases apoiada na estreita e íntima ligação entre o leitor e as personagens. A identificação entre eles é intensa justamente porque os heróis e as heroínas partem da vivência direta do leitor, para, em seguida, fantasiar. Para tal, os quadrinhos japoneses apresentam grande perfeccionismo no detalhamento dos desenhos. Estes transportam fantasias dos leitores para todas as dimensões, desde as temporais, do presente ao passado ou futuro imaginário, até as espaciais, levando-os aos confins do universo. Nada é esquecido: cenários, vestimentas, armas, gestos e expressões, para que se tenha a vívida impressão de estar presente nas aventuras, participar delas. Os heróis e as heroínas representam uma miniatura da vida dos leitores e agem por eles, compensando a falta de satisfação na

vida diária, seja empregatícia ou sexual. Apesar da idolatria pela máquina, especialmente eletrônica, nos mangás, a figura principal é quase sempre um ser humano.

Os heróis, nos quadrinhos, são concebidos a partir das experiências dos leitores, assim eles conseguem encontrar características que os envolvam na atmosfera ficcional — que a narrativa visual propõe. Barbosa³ (2004, p.131), por sua vez, afirma que:

Todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos. Assim, para o educador, as HQs podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição.

O potencial da literatura quadrinizada ainda é pouco explorado, dada a quantidade limitada de trabalhos que perpassam essa temática. O número de produções acadêmicas nesse âmbito tem crescido, mas há um longo caminho para a literatura em quadrinho seja encarada, em uma escala exponencial, como recurso pedagógico. Mendonça (2007, p. 207) argumenta “reconhecer e utilizar o recurso da quadrinização como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos”.

Os quadrinhos podem e devem ser utilizados no ambiente escolar como ferramenta didática potencializadora de ensino e da aprendizagem, pois é notório a sua eficácia. Porém, não se pode negligenciar as devidas adaptações curriculares e das propostas para que o resultado seja alcançado — de acordo com o que os Parâmetros Curriculares Nacionais definem como meta.

3 Quadrinização e inclusão aos olhos de literatura e da lei

Um dos maiores problemas que os docentes enfrentam no âmbito da educação inclusiva está ligado ao pouco conhecimento e, muitas vezes, interesse em apresentar o que o aluno quer aprender. É comum professores que continuam a ensinar de forma regular para alunos não regulares; pois, dessa forma, a comodidade não os obriga a saírem de suas zonas de conforto. Desta forma, nem o docente nem a escola garantem o que rege a lei máxima do país.

A Constituição Federal versa sobre uma política que reconhece [...] “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: [...] III- atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

³ Mestrando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação e Artes da USP.

(BRASIL, 1988). Sobre isso, é sabido que muitas escolas não dispõem de atendimento especializado que garanta a efetivação do ensino para alunos que possuem necessidades especiais de ensino e aprendizagem, o que acaba por infringir o artigo 206, inciso I, que traz no seu texto “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”.

A LDB – Lei de Diretrizes e Base – é outro documento nacional que trata sobre educação. Sobre a educação inclusiva, A LDB, em seu Capítulo V nos artigos 58, 59 e 60, postula que:

Art. 58 – Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais;

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60 – Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder público.

E por fim, temos a Declaração de Salamanca em 1994 (BRASIL 1994) que forneceu diretrizes para um reformulação das políticas educacionais, em benefício do movimento de inclusão social; essa reformulação das políticas educacionais, até o presente momento não atingiu um patamar de competências educacionais que garantam não apenas a inclusão mas, também, a permanência dos alunos com alguma necessidade especial.

Os documentos mencionados anteriormente discorrem sobre o que deve ser feito para que tenhamos uma educação inclusiva de qualidade, porém, por si só, eles não garantem a efetivação da educação de crianças com necessidade especiais. É importante que a Federação

não apenas dite o que precisa ser feito, mas garanta que a efetivação do que postula seus capítulos, artigos e incisos — já que a educação é um direito básico e um direito social de todas as crianças, que deve ser garantido pelo Estado.

Já no que tange a quadrinização, (1997), os Parâmetros Curriculares Nacionais, e mais recentemente a BNCC, postulam que as histórias em quadrinhos (HQs) podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Sobre isso Almeida e Gomes discorrem,

[...] a história em quadrinhos é um forte aliado para o ensino já que os desenhos conseguem atingir a clareza mais profunda das crianças, embora que muitas vezes esse final não poderá ser feliz, mas exigirá uma visão maior dos acontecimentos, ligar os fatos com as imagens, para seguir uma sequência, narrativa. (ALMEIDA e GOMES, 2015 apud. SANTOS, 2003).

Vergueiro (2010) ainda reforça o potencial pedagógico do HQs, por não apresentar resistências por parte dos alunos na sua utilização. Luyten (1958, p. 81) “os quadrinhos podem estimular muitos exercícios de linguagem escrita e oral, sendo um excelente veículo de estímulo para revelar aptidões pessoais”. Ainda no que versa a importância dos quadrinhos voltado para o ensino, Lima (2017, p. 152 apud VERGUEIRO, 2005)

[...] as HQs aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando a curiosidade e desafiando seu senso crítico; a interligação do texto com a imagem, presente nas HQs, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir; as HQs versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área, além de apresentarem uma linguagem mais assimilável; a inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica à linguagem oral e escrita, que normalmente utiliza; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem dos quadrinhos obriga o leitor a pensar e imaginar, tornando as HQs especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese de mensagens; os quadrinhos têm caráter globalizador, trazem temáticas que têm condições de ser compreendidas sem necessidade de um conhecimento prévio específico ou da familiaridade com o tema; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

Todas essas citações, disponíveis na literatura acadêmica, torna indiscutível a eficácia da quadrinização, tanto para ensino regular quanto para uma perspectiva inclusiva de ensino.

4 Considerações finais

Buscou-se nesse artigo evidenciar a importância das HQs voltadas para uma perspectiva inclusiva de ensino, com base no que já fora produzido pela acadêmica. Os currículos escolares têm se demonstrado mais flexíveis aos novos gêneros textuais e os quadrinhos demonstram ser

uma excelente opção pois, tal como cita Lima (2017, p. 168) “constituem linguagem singular através da qual fatos, épocas e ideias são vividos por personagens, dando escala textual e imagética a tais elementos”.

A execução desse trabalho permitiu observar a importância e o potencial didático das histórias em quadrinhos, que por meio de sua forma única de abordar assuntos, promover narrativas e ilustrar histórias, têm ganhado espaço dentro das escolas e, com isso, têm crescido o número de profissionais que compreendem essa potencialidade.

Dessa forma, notou-se que é possível uma abordagem de ensino que consiga implementar as histórias em quadrinho como recurso didático — uma vez que ficou comprovada sua eficácia — baseada nos materiais já produzidos sobre quadrinização.

Referências

ALMEIDA, M. P. de; GOMES, N. dos S. A libras e as histórias em quadrinhos: conhecendo o mundo das fantasias. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, n. 61, p. 311- 316, 2015.

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de Arte. *In*: Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela; Ângela Rama, Waldomiro Vergueiro, (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BOUISSOU, Jean-Marie. Pourquoi aimons-nous le manga? Une approche économique du nouveau soft power japonais. **Cités**, n. 27, p. 71-84. DOI: 10.3917/cite.027.0071, 2006.

BRASIL. MEC/SEESP. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf. Acesso em: 09 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC de março de 2017**. Dispõe sobre a terceira versão que complementa e revisa a segunda versão. Brasília, DF: MEC/SEB. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 03 out. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livr_o02.pdf. Acesso em: 03 out. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Projeto Escola Viva: Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC/SEESP, 2000, vol. 6.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**, Resolução nº 4, de 02 de outubro de 2009. Brasília: MEC/SEESP. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 09 jan. 2020.

BRASIL. **Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais**. Disponível em: Acesso em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 28 dez. 2018.

BRASIL. MEC. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9936-manual-orientacao-programa-implantacao-salas-recursos-multifuncionais&Itemid=30192. Acesso em: 09 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996.

BRASIL. **Política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial. 2007. Acesso em: 09 jan. 2020.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, p.177-229, 1990.

CORRÊA, D.; VAZ, F.; CASTELA, G.S. Histórias em quadrinhos (HQs): trabalhando o gênero [em sala de aula] a partir da proposta de Bakhtin. Art. 11f. **II Simpósio Nacional de Educação: Infância, sociedade e Educação**. Cascavel-Paraná. 2010. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/72.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.

LIMA, DOUGLAS MOTA XAVIER DE . História em quadrinhos e ensino de História. **Revista história hoje** , v. 6, p. 147-171, 2017

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. HQ como prática pedagógica. *In*: LUYTEN, S. M. B. (org.). **História em quadrinhos – Leitura Crítica**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. Por que uma leitura crítica das histórias em quadrinhos? *In*: LUYTEN, S. M. B. (org.). **História em quadrinhos – Leitura Crítica**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2001.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. PINTO, Virgílio Noya. **Poder e difusão dos quadrinhos japoneses como reflexo da sociedade nipônica**. São Paulo: 1988.

MANCUSO, Mario. **Mangá e História em Quadrinhos são a mesma coisa! On-line**. Disponível em: <http://tudibao.com.br/2010/09/manga-e-historia-em-quadrinhos.html>. Acesso em: 09 jan. 2020.

MENDONÇA, M.R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In* DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

OROZCO, Guilherme. **Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos**. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, n.10, p. 57-68, 1997.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática**. EccoS, São Paulo, n. 27, p. 81-95. jan./abr. 2012.

SILVA, Samantha de Assis. **Os Animês e o Ensino de Ciências. 2011**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. *In*: Barbosa, A. et al. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma — alfabetização necessária. *In*: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro. A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade. *In*: LUYTEN, Sônia B. (org.) **Cultura pop japonesa: mangá e animê**. São Paulo: Hedra, 2005. p.15-26.